



A VARIANTE RÓTICA RETROFLEXA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA CAMINHADA PELA LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Victor Carreão (UNICAMP)¹
vcarreao@yahoo.com.br

RESUMO: Os róticos no Português Brasileiro são objeto de pesquisa em diferentes estudos, ora sociolinguísticos, ora acústicos. Dentre suas muitas formas variantes, observa-se a retroflexa (popularmente conhecida como o "erre puxado") associada a um universo mais "caipira", embora possa ser encontrada em diferentes regiões do território brasileiro, podendo ser observada, também, em falantes de grandes centros urbanos. Outra característica deste -r interiorano seria seu apagamento ao ocorrer em posição final de palavras (AMARAL, 1920), fenômeno muito observado nos verbos no infinitivo, mas cuja ocorrência também poderia apresentar alta frequência em outras classes de palavra. Estes fenômenos fonéticos associados aos róticos em posição de coda silábica também puderam ser observados em determinadas variantes do Espanhol Paraguai, ainda que haja pouco registro sobre suas ocorrências. Tal observação faz com que a realização retroflexa de -r seja pensada, mais uma vez, sob a hipótese do contato linguístico entre colonizadores europeus e índios brasileiros, uma vez que as línguas Tupi e Guarani, de índios que habitavam as regiões brasileira e paraguaia, respectivamente, adviriam de um ancestral comum (RODRIGUES, 1945), o que poderia auxiliar a justificar as ocorrências da retroflexão - ainda que em diferentes graus - e apagamento final de -r atualmente vistos tanto no Brasil como no Paraguai. As interações na época da colonização do Brasil levaram à criação da língua-geral, resultado do contato entre portugueses e indígenas, e, assim, a realização dos róticos, que, para os Tupis e Guaranis, era de forma simples e sem ocorrência em posição de coda silábica, passou a ocorrer em posições silábicas não comuns aos indígenas. Este contexto linguístico poderia ter impulsionado a mudança linguística da realização de /r/, fenômeno que teria seu espalhamento pelo território brasileiro, possivelmente, com o início da "corrida do ouro", no século XVII, e a migração de indígenas, mestiços e ex-escravos para áreas mais interioranas do país.

PALAVRAS-CHAVE: Róticos; Retroflexão; Contato Linguístico.

ABSTRACT: The rhotics in Brazilian Portuguese are object of research in different studies, sometimes sociolinguistic or acoustic. Among its many variant forms, it is observed the retroflex one (commonly known as a "strong -r") associated to a "caipira" universe, although it can be found in different regions of the Brazilian territory, and also be observed in speakers of large urban centers. Another characteristic for this "countryside -r" would be its deletion whenever it occurs in final-word position (AMARAL, 1920), a phenomenon that is very observed in verbs in the infinitive tense, but whose realization could be presented in high frequency in other word classes as well. These phonetic phenomena associated to rhotics in syllable coda could also be observed in determined Paraguayan Spanish dialects, although few records have been made about them. Such an observation makes the retroflex realization of -r to be thought, once more, under the light of the linguistic contact hypothesis between European colonists and Brazilian Indians, as Tupi and Guarani languages, from native indigenous population living in Brazilian and Paraguayan regions, respectively, would come from a common ancestor (RODRIGUES, 1945), which would help in justifying retroflex occurrences - even in different degrees - and the final deletion of -r currently seen both in Brazil and Paraguay. The interaction that took place back in Brazil's colonial

¹ Mestrando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: vcarreao@yahoo.com.br



times led to the creation of the *língua-geral*, resulting from the contact between the Portuguese and the indigenous populations, and, thus, the rhotics occurrences, which, for the Tupis and Guaranis, was simple and with no occurrence in syllable coda, started occurring in syllable positions with which the indigenous populations were not used to. This linguistic context could have driven a linguistic change in the realization of /r/, a phenomenon that would have spread throughout the Brazilian territory, possibly, with the beginning of the "gold rush", in the seventeenth century, and the migration of Indians, mestizos and former slaves to more inland areas of the country.

KEYWORDS: Rhotics; Retroflexion; Linguistic Contact.

1. Introdução

O Dialeto Caipira (AMARAL, 1920) apresenta, como algumas de suas características: (i) retroflexão de /r/ em posição de coda silábica e, às vezes, em sequência consonantal; (ii) apagamento do /r/ final de palavra. Estes dois processos da Língua Portuguesa não são restritos apenas aos “dialetos interioranos” do país, mas também são encontrados em diferentes regiões, até mesmo em grades cidades como São Paulo (OUSHIRO, 2015; CALLOU, LEITE e MORAES, 1996). Observa-se, também, a ocorrência destes fenômenos, em diferentes graus, em determinados dialetos do Espanhol Paraguai² o que leva a pensar a origem da retroflexão de /r/ e seu apagamento final, mais uma vez, sob a ótica do contato linguístico com línguas indígenas.

Rodrigues (1945) nos mostra que a região Sul do Brasil foi lar de tribos Guaranis, cuja língua adviria do mesmo tronco linguístico originário do Tupi: o Proto-tupi-guarani. Estas tribos teriam se espalhado por regiões paraguaias e o contato de sua língua com o Espanhol poderia ter tido como fruto alguns dos fenômenos linguísticos encontrados em terras brasileiras. Observar este fenômeno comum ao Português Brasileiro e ao Espanhol Paraguai traz à tona a evolução natural das línguas apontada pela teoria da Deriva Linguística, que pode ser acentuada por conta de fatores extralinguísticos.

² Esta observação foi feita pelo professor Dr. Wilmar D'Angelis, durante a disciplina de Tópicos de Linguística Antropológica I, no curso de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Esta pesquisa é fruto de sua orientação neste trabalho final de disciplina.

Assim, um passeio pela história é necessário a fim de se verificar se o Proto-tupi-guarani, o ancestral comum das línguas Tupi e Guarani, apontaria direções que poderiam explicar como o contato linguístico trouxe mudanças ao Português Brasileiro (PB) e ao Espanhol Paraguaio. Os indícios confirmariam que, "sem dúvida, o chamado "dialeto caipira", ainda vegetando em alguns lugares interioranos e insulados, é um dos remanescentes do semicrioulo dos tupis e caboclos do Brasil-Colônia" (ROBL, 1985, p. 164).

2. Os róticos

Os róticos são uma classe fonológica “associada a combinações complexas de parâmetros articulatórios e acústicos”, e todos seus alofones são escritos com a letra R (LINDAU, 1980, p. 114. Tradução nossa). Tal fenômeno dá margem à variação nos róticos, podendo ser explicada “pelo maior espaço articulatório existente para as possíveis realizações dos segmentos fônicos” (CALLOU, MORAES e LEITE, 1996, p. 463).

Muitas línguas do mundo apresentam róticos em seus inventários fonológicos. A maioria delas apresenta apenas um tipo de rótico, entretanto existem aquelas que apresentam mais de um, geralmente em contraste conforme o lugar ou modo de realização. Estas línguas apresentam diferenças nos contextos fonológicos em que estes róticos são realizados, permitindo que processos de neutralização sejam encontrados. Muitas línguas apresentam neutralização, por exemplo, em diferentes posições dentro de uma palavra, mas não em contextos intervocálicos, como o Espanhol e o Português Brasileiro. Para as outras posições, a realização dos róticos pode ser vista como controle estilístico (BRADLEY, 2001). Verificar os róticos no Português Brasileiro e no Espanhol Paraguaio é preciso para que se possa entender como suas ocorrências se dão em cada língua.



2.1. Os róticos no Português Brasileiro

Para Câmara Jr. (1953, p. 115), “a líquida vibrante é um fonema único, e o /r/ brando deve interpretar-se como um alofone de posição intervocálica”. O autor conceitua diferentes tipos de variação existente nas línguas, o que pode ser visto na realização de /r/. Um mesmo fonema pode variar amplamente, na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante. “Há a variante, por assim dizer, mecânica em que a diferença se impõe pela oposição na sílaba ou no vocábulo”. Já a neutralização seria “a circunstância de que, em certas condições de ambiente fonético, uma oposição de fonemas, em geral depreensível na língua, se anula e a realização física passa a ser uma só”. Há também as variantes livres, “no caso de uma realização especial de um determinado fonema, que, típica de um indivíduo ou de um grupo social ou regional, não colide com as oposições do sistema”. Fonemas que servem para “caracterizar a emoção do sujeito falante ou o seu empenho de impressionar o interlocutor num determinado sentido” são as variantes estilísticas (CÂMARA JR., 1953, p. 45-46).

Ainda que a variação possa ser motivada por diferentes motivos, é possível encontrar no inventário fonológico de uma língua um fonema subjacente, original àquela língua, de que se poderiam derivar suas outras formas variantes conforme determinados contextos. Os processos de mudanças linguísticas que ocorrem historicamente podem auxiliar na escolha de uma ou outra variante como forma subjacente de um som. Voltando às origens do Português Brasileiro, Câmara Jr (1953), ao traçar a realização de /r/ na língua latina, aponta que existiriam palavras como *ferrum*, que conteriam dois R's. Neste caso, ainda para o autor, não teríamos o r-forte de palavras do Português Brasileiro atual, como *carro*, mas sim dois segmentos vibrantes em sequência. Tal fenômeno não seria observado no Português Brasileiro atual, pois o que teria ocorrido seria a perda de força do segundo segmento durante o passar dos anos, resultando em um /r/ vibrante. Este /r/ seria sua forma subjacente, sendo

justificado em dois momentos (CÂMARA JR., 1953, p. 106-107): 1) “ausência do /r/ brando em posição inicial ou medial não-intervocálica”, no caso a forma tepe; e 2) “a circunstância de que a anulação fonética do primeiro elemento de uma geminação consonântica [como visto no latim] continua a ser regra em português”, um processo de enfraquecimento do /r/.

Abaurre e Sândalo (2003) também analisam o /r/ do Português Brasileiro com a variante vibrante como forma subjacente, sendo possível, a partir dela, prever a realização de /r/ pelos falantes brasileiros. Essa previsão para a realização de /r/ mostra-se complexa em uma situação em específico. Renniecke (2016, p. 90), em seu estudo em Minas Gerais, mostra que o contexto mais sensível a esta variação rótica é a posição de coda-silábica, que permite diferentes formas variantes para a realização de /r/:

Representação fonológica dos róticos no PB

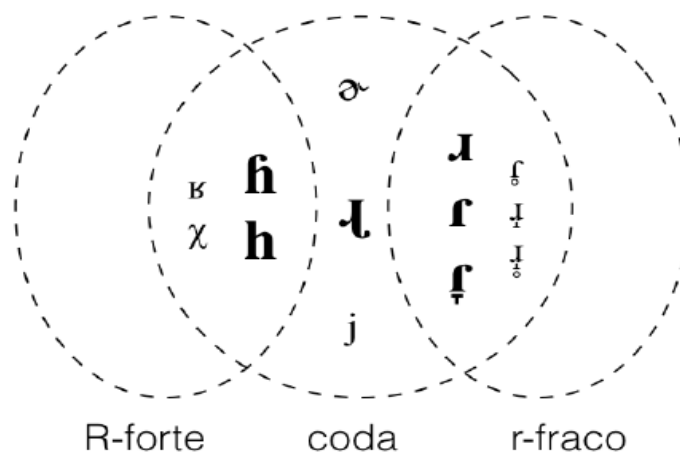


Figura 01: Representação fonológica dos róticos no PB (RENNICKE, 2016, p. 90)

Percebe-se que a posição de coda permite uma alofonia com um grande gradiente rótico, mas também verifica-se que a variação para o /r/ inicial de palavra é restrita a menos variantes do que a posição de coda medial ou final. A posição na sílaba acaba sendo, como apontado por Câmara Jr. (1953) um fator que mostra que a

realização de /r/ estaria mais, ou menos, padronizada. Diferentes comunidades linguísticas mostram um comportamento similar em relação à realização de /r/ em posição de coda-silábica, diferindo conforme o contexto de coda medial ou final:

à primeira vista, as diversas realizações do /r/, dialetalmente determinadas – vibrantes apicais em Porto Alegre e São Paulo, fricativa velar em Rio de Janeiro e Salvador e aspirada em Recife -, parecem traduzir um processo de enfraquecimento que termina em posição final do vocábulo, no cancelamento do segmento. Pode-se imaginar, assim, que: vibrante > velar > aspirada > cancelamento. [...] esta hierarquia de força tem sido tradicionalmente traduzida pela seguinte escala de sonoridade: oclusiva > fricativa > nasal > líquida > aspiração > zero. Nesta escala, o deslocamento para a direita acarreta uma diminuição da resistência à passagem da corrente de ar e, conseqüentemente, um processo de enfraquecimento (CALLOU, MORAES, LEITE, 1996, p. 483)

Os autores acima mostram que o enfraquecimento do /r/ seria uma tendência no Português Brasileiro e que isso poderia explicar diferentes formas variantes para /r/ em todas as posições de palavra. Bonet e Mascaró (*apud* FRAGA 2008, p. 355) colocam sua escala de sonoridade com os róticos da seguinte maneira:

Oclusivas > r-forte, fricativas > nasais > laterais > r-fraco, glides > vogais

Também nesta escala é possível observar o fenômeno do enfraquecimento do /r/ dando origem a formas variantes. A discussão é retomada por Rennie (cf. 2016, p. 74) ao apontar que existe um contínuo gradiente entre variantes róticas, em que um processo de lenição - processo articulatório de enfraquecimento de gestos - deu origem às principais fases de mudança sonora dos róticos no PB:

1) Lenição de vibrantes a tepes, como o contraste intervocálico dos róticos do PB que passa a ser um contraste de articulação e não apenas de duração da vibrante;

- 2) Posteriorização de articulações alveolares a uvulares;
- 3) Diversificação por meio da lenição em coda silábica na variedade brasileira, apontando para duas principais trajetórias: posteriorização e fricativação (aspiração) e aproximação (comumente conhecido como retroflexo).

Este processo de lenição do /r/ explicaria o processo fonético que vem fazendo com que a posição de coda silábica possa apresentar diferentes formas variantes. Ainda assim, o /r/ vibrante seria a forma subjacente de que se podem ser derivadas as outras formas observadas em posição de coda medial e final. Head (1987) levanta uma hipótese de que a retroflexão (e suas aproximantes) em posição de coda silábica seria um processo interno do Português Brasileiro e também comenta sobre outras hipóteses de origem para o -r retroflexo; entre elas, há a hipótese de contato dialetal entre o Tupi e a língua portuguesa, que dialoga com esta possibilidade.

2.2. Os róticos no Espanhol Paraguaio

A alofonia de "r" pode ser vista em diferentes contextos na língua espanhola: (i) no caso do erre múltiplo (rr) em posição intervocálica, deverá ser realizado como a variante vibrante; (ii) para início de palavra, ou início de sílabas em que é seguido por uma consoante, também deverá ser realizado como a variante vibrante; (iii) em um contexto pós-consonantal, é realizado de forma simples (como um tepe), assim como para contextos intervocálicos; (iv) em ocorrências de final de sílaba ou de palavra, sua realização é livre (vibrante ou simples), com preferência para o erre simples (SCHWEGLER *et al*, 2010, p. 288). Em espanhol seriam comumente observadas apenas duas formas variantes - a vibrante e o tepe - para os róticos. Há, em especial, uma salvaguarda sobre esta classe de sons:

la retracion de la lengua en esta posición produce lo que llamamos la retroflexión. La "r" alveopalatal retrofleja fricativa que resulta de esta

articulación [...] es bastante notable auditivamente. Su transferencia al español no produce errores de comprensión, pero si un acento extranjero muy fuerte. **El uso de la retroflexión** en la pronunciación de las letras "r" y "rr" del español **es probablemente uno de los errores más notables** que comete el anglo hablante y debe evitarse a toda costa [...] tal retracción o "flexión" de la lengua jamás se da en español (SCHWEGLER *et al*, 2010, p. 287. Grifos nossos.)

A retroflexão de "r" não seria uma pronúncia "aceitável" para a língua espanhola (ou, pelo menos, para o que reza a Real Academia de España). Entretanto, Rennie (cf. 2014, p. 186) mostra que os róticos em Espanhol são mais diversos do que se pensa. Haveria a neutralização das líquidas na posição de coda silábica, podendo haver tepes, vibrantes, aproximantes alveolares e fricativas. Para o "r" antecedido por consoantes, seria possível verificar ocorrências de variantes aproximantes e fricativas também. Estas ocorrências poderiam ser observadas em alguns dialetos da Andaluzia, na parte meridional da Espanha. Nos casos de "r" no final de palavra, pode ser observada sua elisão também, e, pensando em outros países nas Américas cuja língua oficial é o Espanhol:

La realización de la /r/ final es otro rasgo destacable en el español americano por la diversidad de sus distintas pronunciaciones, desde su pronunciación como vibrante alveolar similar a la castellana (México, Argentina a excepción del nordeste, sierra ecuatoriana, Perú, Bolivia, interior de Colombia y Venezuela) hasta su aspiración o elisión de la zona caribeña y de costas de Centroamérica, Ecuador, Colombia y Venezuela, Uruguay y Paraguay (PALACIOS ALCÁINE, 2006, p. 05)

Em relação a outros contextos de erre nas palavras, pensando na variante vibrante:

La vibrante suele tener en amplias zonas una realización asibilada (norte de Argentina, Paraguay, Bolivia, Ecuador, Perú, Uruguay, Guatemala o Costa Rica). Nótese que en muchas de estas zonas conviven distintas realizaciones de la /r/, y este hecho se extiende a

otros fonemas, ya que, generalmente, suele haber una estratificación social en los patrones fonéticos de estas áreas (PALACIOS ALCAINE, 2006, p. 06)

Ao descrever os róticos no Espanhol Mexicano, em especial o dialeto de Iucatã - com alto substrato ameríndio Maia -, (COTTON & SHARP, 1988, p. 166) apontam que [l] e [r] tendem a estar em variação livre. Quando há a ocorrência de [r], sua pronúncia é retroflexa³. Tal fato seria atribuído ao contato entre espanhóis e maias que viviam na região. Como estes não possuíam [r], ou sua variante múltipla, em seu inventário fonológico, a realização de [r] em posição de coda silábica pode ser observada como retroflexa em certos casos.

Um fenômeno que vem sendo observado em diferentes estudos sociolinguísticos de países cuja língua oficial é o Espanhol é a “assibilação” das vibrantes. A assibilação de /r/ é vista nos seguintes dialetos do Espanhol da América do Sul: Equatorial Andino, Amazônico, Alto Peruano Andino, Boliviano Oriental, Paraguaio, Boliviano-Argentino, Tucumán e Salta, e Chileno Nortenho (cf. COLOMA, 2012, p. 10). Esta assibilação de /r/ " por ejemplo, es utilizada por numerosos hablantes de español andino, paraguay y rioplatense, pero no es una característica que identifique a dichos dialectos ni que aparezca generalizada en la gran mayoría de los hablantes de los mismos" (COLOMA, 2011, p. 18).

Em alguns casos, essa variação faz com que a realização de /r/ possa ser percebida como "[a] trilled /r/ as a voiced retroflex fricative or as an assibilated retroflex vibrant in the local dialects of both languages" [Espanhol Andino e Quichua, falado no norte do Equador] (ADELAAR e MUYSKEN apud KLEE, p. 50). A assibilação torna as consoantes [+ sibilantes], e seu som intenso pode ser realizado pelo posicionamento da língua (ou parte dela) em uma posição mais próxima ao palato: "assibilated /r/: It is the articulation of this phoneme through an assibilated alveolar or postalveolar fricative consonant [ɹ], instead of using the alveolar trill [r]" (COLOMA, 2012, p. 03).

³ Os autores usam o termo “retroflexo” para descrever esta variação. Entretanto, há de ressaltar que este não foi um estudo acústico sobre o dialeto, ou seja, não foi considerada a gradação existente dentro da retroflexão dos róticos. Falaremos disso adiante.

Ainda sobre o Espanhol na América Latina, Fernández (2008, p. 43) afirma que "en lugares intermedios entre los extremos rural o montañoso y urbano, encontramos variedades sorprendentes ya que, además del sustrato indígena fundamental, el español resulta atravesado por lenguas de otras comunidades indígenas o por lenguas de inmigración". O contato com línguas indígenas se mostra como um importante fator na formação das variedades regionais.

O Espanhol Paraguaio não possui muitos registros, quando comparado a outras variedades dialetais do Espanhol – fato também apontado por Escobar (2011) e Klee (2009). Tal fato pode ser explicado pelo bilinguismo existente no país, do Guaraní dividindo espaço, entre os falantes, com o Espanhol. Entretanto, algumas características particulares deste espanhol podem ser citadas, entre elas a retroflexão⁴ do erre. Como apontado anteriormente, pode-se observar, também, a neutralização de /r/ final no Espanhol Paraguaio. Palacios Alcaine (2006, p. 06) mostra que outro fenômeno fonético "que afectan a la vibrante es la neutralización de /r/ y /l/, que se extiende fundamentalmente por el Caribe y Las Antillas, aunque este fenómeno también se documenta em los estratos sociales sin instrucción de Chile, Perú, Paraguay o Ecuador".

⁴Ainda que não seja uma ferramenta de busca tida como "confiável" ou "oficial" dentro do meio acadêmico, vale ressaltar aqui o que é encontrado no site da Wikipédia acerca do "Español Paraguayo":

Realización no aspirada de /x/; Tendencia de pronunciación débil o pérdida de "r" final; En algunas variaciones del español paraguayo la "rr" se pronuncia no como un trino alveolar, como se hace en muchas de las regiones de habla española, sino como una [ɾ] similar a como se hace la R inglesa o siciliana en Italia; Uso de la aproximante alveolar [ɾ] por la "r" preconsonántica y final, semejante a la pronunciación en el inglés americano o el holandés. Ejemplo: firmar [fi.ɾ.maɾ].

Há, ainda, um link contendo um vídeo e a fala de um falante paraguaio realizando esta "aproximante alveolar", similar ao R da língua inglesa: <http://www.youtube.com/watch?v=rsOF0y5gDhc#t=3m11s>.

Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Espa%C3%B1ol_paraguayo#cite_ref2>. Acesso em 18 nov. 2016.

Há muito material no Youtube com falantes de espanhol paraguaio. Uma busca frutífera é o "Noticiero ABC Color". Por exemplo, há o pronunciamento de um Senador, ora em Castelhana, ora em Guaraní, na mesma fala: <<https://www.youtube.com/watch?v=AIItBkJZaI>>. Outros vídeos em que se pode observar a aproximante alveolar em falantes paraguaios são: <<https://www.youtube.com/watch?v=GqafC-ZsDlk>>, sobre como falam os paraguaios e <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBJiBOWBTI>>, sobre o transporte público paraguaio.

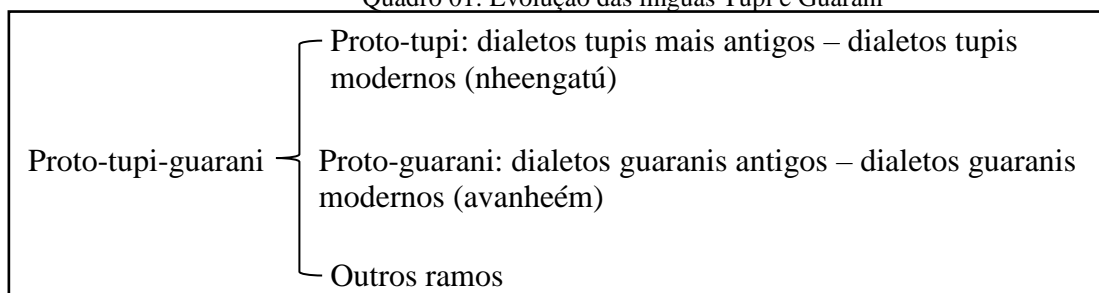
Assim como o dialeto Iucatã, no México, haveria, também, a neutralização das líquidas em determinados dialetos do Paraguai.

Entende-se, aqui, que a retroflexão vista no Espanhol Paraguaio possa ser entendida como a aproximante retroflexa [ɽ]. Junto a este fenômeno, observa-se o apagamento de “r” em final de palavra. A hipótese para este dialeto similar ao “dialeto caipira” do Brasil é o contato com línguas indígenas. Sabendo que o Tupi e o Guarani provem do mesmo tronco linguístico, é necessário realizar um sobrevoo sobre suas características a fim de melhor entender como o contato poderia ter guiado a língua para estas formas variantes de /r/.

3. O contato dialetal e a possível origem do –r retroflexo

Algumas reportagens apontam que o /r/ retroflexo é fruto do contato entre a língua portuguesa com os falantes do Tupi⁵, ainda que não entrem nos detalhes do por quê. Faz-se necessário conhecer melhor a origem desta língua. Rodrigues (1945), fundamentando-se na divisão proposta por Mansur Guérios, aponta que a língua Tupi, bem como a língua Guarani, adviria do chamado “Proto-tupi-guarani”:

Quadro 01: Evolução das línguas Tupi e Guarani



Fonte: Adaptado de Rodrigues (1945, p. 351)

Rodrigues (1945) mostra que este tronco linguístico, nas regiões delimitadas pelos rios Paraná e Paraguai (lar de tupis e guaranis, respectivamente), se dispersou por

⁵ SGARIONI, 2016 e SANCHES, 2008.



conta de diversas emigrações (principalmente para o Alto Amazonas e seus afluentes, como o afluente esquerdo) por, especialmente, motivos de ordem religiosa. Estas migrações deram origem a dialetos, com Tupis indo para o leste, atravessando o Paraná e São Paulo, chegando ao litoral e distendendo-se por quase toda a costa, e com os Guaranis ficando ao sul do país, distendendo-se pelo litoral e chegando até as regiões paraguaias. Em termo de línguas modernas, o Tupi moderno seria o Nheengatu (língua geral amazônica), e também haveria o Guarani-moderno. Schwanborn (1998), ao analisar os Romances Indianistas "O Guarani", "Iracema" e "Ubirajara", de José de Alencar, comenta sobre a nomenclatura ora "tupi", ora "guarani", usada pelo autor. Observa-se que, mesmo na literatura, estas duas línguas apresentavam-se de forma próxima, reforçando seus traços linguísticos em comum.

Algumas diferenças fonológicas entre os Tupis e Guaranis são apontadas por Rodrigues (1945, p. 340). Uma delas seria a realização das consoantes finais de verbo, realizadas pelos Tupis, mas não pelos Guaranis: "a) em regra, o "s" do Tupi-Guarani comum, inicial ou medial, conserva-se no Proto-tupi, e torna-se "h" [aspirado] no Proto-guarani; b) os vocábulos paroxítonos primitivos tornam-se neste, em geral, oxítonos pelo ensurdecimento da sílaba final átona". Esses procedimentos são comparados por Rodrigues (1945) às ocorrências de apagamento de "r" final em verbos, como "andar - andá" ou "fazer - fazê". Como apontado por Costa (2010, p. 95), "a queda das codas consonantais é uma das diferenças entre os ramos Tupi e Guarani, e já havia ocorrido no Guarani Antigo". No dialeto Mbyá, advindo do Guarani, por exemplo, a estrutura silábica padrão é simples: Vogal única (V) ou Consoante seguida de vogal (CV) (DOOLEY, 2013, p. 05).

Alguns dialetos Guaranis modernos, como o Nhandewa, apresentaram mudanças neste quadro. O /h/ do Guarani foi eliminado no Nhandewa. As poucas presenças de /s/ - clássicas no Tupi - que sobreviveram na língua do Nhandewa foram mudadas para /ts/. O /ʃ/, de xícara, por exemplo, é feito como a africada /tʃ/:

O que o Nhandewa-Guarani paulista-paranaense fez foi eliminar completamente uma série obstruinte [+ contínua], ou seja, a série

fricativa. Como o fez? Eliminando o fonema /h/ e “assimilando” as restantes fricativas /s/ e /ʃ/ ao conjunto das obstruintes [- contínuas] (ainda que foneticamente [ts] e [tʃ] tenham um contorno [+ – contínuo], fonologicamente são descontínuas, uma vez que, em algum momento de sua realização, a obstrução da passagem do ar é total) e /v/ ao conjunto das aproximantes, passando a /w/ (COSTA, 2010, p. 63)

Sobre o /h/ e o /s/, seria mais fácil dizer que /s/ era a forma primitiva do som, tendo perdido seu nó da cavidade oral (coronal), mantendo a fricção e se tornando /h/ (COSTA, 2010). Uma semelhança entre as duas línguas seria a realização das líquidas /r/ e /l/. Navarro (2006, p. 02) mostra que a realização de /r/ no Tupi é sempre branda, "como no português aranha, Maria, arado, mesmo no início dos vocábulos: ro'y - frio; aruru - tristonho; paranã - mar; ryryî - tremer". Assim como no Guarani:

No tiene esta lengua rr doble, ni áspera, sino lenes todas; no admite muta con líquida, como: kra, pra etc. No tiene esta lengua F, ni L, ni Jota, y usan en las palabras que ellos no tenían, por la F la P y dicen Pabiã por Fabián; por la L usan la R, no dicen Pilato, sino Piratu, y por la Jota usan el Ch y dicen: Chuã por Juan (MONTROYA, 1724, p. 06-07)

Haveria, no Guarani, variação entre as líquidas /r/ e /l/. As semelhanças na realização de /r/ podem ser resumidas da seguinte maneira:

O r do tupi e guarani antigos era sempre sonoro, independentemente de sua posição no vocábulo [...] Lemos Barbosa ensina: " O r é sempre brando, mesmo no princípio da palavra" [na língua-geral, ou brasílico]. E, no atinente ao guarani, Antônio González afirma que "o r é sempre simples no guarani clássico" (ROBL, 1985, p. 166)

Como pode ser visto no glossário da obra de Navarro (2006), sobre a língua Tupi, não se encontraram palavras com líquidas em posição de coda silábica. Como a hipótese é de que línguas indígenas tenham, no contato com outras, favorecido a

realização de certas formas variantes, é preciso, rapidamente, verificar como se deu o contato entre línguas para estes dois povos.

3.1. Contato dialetal no Brasil

Sabe-se que a colonização brasileira por Portugal foi palco para diferentes etnias e falares: de um lado, índios nativos brasileiros e, do outro, exploradores portugueses – e de outras nacionalidades em determinados episódios – e escravos negros trazidos de diferentes regiões africanas. Por esta razão, seria “natural que o entrecchoque dessas culturas tenha provocado o aparecimento de falares de emergência: "a língua geral" ou "brasiliano" e um crioulo ou semicrioulo" (ROBL, 1985, p. 159). Lucchesi (2009, p. 43) aponta que o contato dos primeiros povoadores portugueses com os índios pautou-se em uma espécie de *koiné* – denominada como “língua geral” – como “instrumento de comunicação [adotado pelos portugueses] para integrar a força de trabalho indígena inicialmente na extração do pau-brasil e posteriormente no cultivo da cana-de-açúcar, do tabaco e do algodão”.

Esta língua-franca – utilizada para ampla comunicação entre índios e portugueses – recobriu as mais variadas situações linguísticas. Pode-se tomar como exemplo a situação populacional em São Paulo – cuja composição étnica se deu pelo cruzamento entre colonizadores portugueses e mulheres indígenas, em sua maioria. Os filhos destes cruzamentos, os chamados *mamelucos*, integravam as expedições dos bandeirantes – as bandeiras - em busca de riquezas e novos índios para conquistar. Cabe, aqui, um comentário de Ribeiro (2006, p. 97) sobre os mamelucos, que talvez ajude a explicar o êxito da língua-geral como língua-franca: “não podendo identificar-se com uns nem com outros de seus ancestrais, que o rejeitavam, o mameluco caía numa terra de ninguém, a partir da qual constrói sua identidade de brasileiro”.

Saindo de São Paulo para uma perspectiva a nível nacional, a região Nordeste apresentava bons rendimentos econômicos com seus engenhos de açúcar, em um

cenário da empresa agroexportadora de açúcar cuja figura central era o senhor de engenho. A resistência ao trabalho nestas condições por parte dos índios brasileiros foi o fator que fez com que o tráfico negreiro se tornasse uma opção para a mão-de-obra escrava a ser ali utilizada. Com poucos índios nos engenhos, a uso da língua-geral caía e a língua portuguesa passava a ser mais utilizada com os novos escravos.

Lucchesi (2009, p. 45) ressalta o fato de que enquanto “a língua-geral predominava em função da aculturação das populações indígenas, a língua portuguesa avançava a partir da Bahia e de Pernambuco, os centros mais dinâmicos e mais intimamente ligados à economia mercantilista”. Semelhante observação é feita por Holanda (2014, p. 156): “Nos lugares onde escasseavam índios administrados, e era o caso, por exemplo, de Campinas, o português dominava sem contraste”. Podem-se observar, então, duas línguas correndo pelo território nacional como “oficiais”: a língua-geral e a língua portuguesa trazida pelos colonizadores. O cenário paulista fortalecia o uso destas línguas de contato:

assim, num tempo em que as nações deserddadas na divisão do mundo apelavam para a pirataria marítimas dos corsários, os paulistas, que eram os deserddados do Brasil, lançavam-se, também, ao saque com igual violência e cobiça. Marginalizados do processo econômico da colônia, em que quase todos estavam voltados para as lucrativas tarefas pacíficas dos engenhos e dos currais de gado, **os paulistas acabaram por se especializar como homens de guerra** (RIBEIRO, 2006, p. 333. Grifos nossos).

Ribeiro (2006) faz alguns relatos sobre a língua-geral amazônica, que também seria utilizada dentro dos mesmos propósitos comunicativos da língua-geral paulista. Tal cenário mudaria com a “corrida do ouro” – episódio que mudou a estrutura da sociedade brasileira da época. Centros urbanos começaram a ser erguidos para servir de habitação àqueles que se dedicariam a esta atividade extrativista, o que gerou grande influxo de portugueses ao Brasil. Após, houve a substituição da mineração pela lavoura agroexportadora de café, principalmente no Vale do Paraíba e no Planalto Paulista – mudando a base econômica e as dinâmicas sociais de São Paulo e a tornando em uma



das regiões mais ricas do Brasil. Os grandes fazendeiros dariam início ao sistema de trabalho assalariado em suas lavouras – o que causou o declínio da economia escravagista – e, com a queda do Império, o Brasil passaria a viver o regime conhecido por Velha República. A construção de rodovias, a criação de meios de comunicação em massa, a industrialização e, por sua consequência, o estabelecimento de grandes metrópoles foram eventos que seguiram a seguir.

Com o início do trabalho assalariado, grandes comunidades de ex-escravos indígenas e negros formaram-se à margem da sociedade. Estas preservariam “as mudanças decorrentes do contato entre línguas massivo e abrupto” (LUCCHESI, 2009, p. 52-53). Em termos demográficos, com base em diferentes levantamentos populacionais no decorrer dos séculos que seguem a descoberta do Brasil, a situação da população brasileira a que somos apresentados pelo autor aponta que:

A situação mais favorável à crioulização do português se daria com a aquisição precária da língua pelos escravos africanos e sua nativização, a partir desse modelo defectivo, entre os descendentes crioulos. Note-se que, considerando apenas a proporção de africanos e negros brasileiros, esses dois segmentos só atingem o seu ápice no final do século XVII, quando constituem a metade da população. Com efeito, esse deve ter sido o período em que os processos crioulizantes podem ter ocorrido em níveis mais intensos e representativos, até porque essa proporção pode ter excedido bastante os 50%, sobretudo em algumas zonas açucareiras do Nordeste. Mas, com o aumento da imigração portuguesa nos séculos XVIII e XIX, a proporção de africanos e negros cede terreno para os segmentos branco e mestiço, chegando a constituir apenas 15% do total, em 1890 (LUCCHESI, 2009, p. 62)

É nessa época que:

o brasil índio vai rareando e desaparecendo, porque fugiu para o interior, quando não foi eliminado, e a "língua geral" foi paulatinamente perdendo o prestígio de veículo de comunicação até acantonar-se nas póvoas do interior e nos aldeamentos de jesuítas e franciscanos. Em decorrência disso e com a progressiva posse do



território por parte da gente lusa, avoluma-se a influência do branco e do negro (ROBL, 1985, p. 162)

Como também reforçado por Ribeiro (2006, p. 110) “a substituição da língua geral pela portuguesa como língua materna dos brasileiros só se completaria no curso do século XVIII”, o que pode ser justificado pela vinda de mais imigrantes portugueses ao Brasil. Logo, por questões demográficas, a criouliização poderia, de fato, ter tomado lugar nos séculos que antecederam o aumento da imigração portuguesa no século XVIII, e as condições socioeconômicas que isto permitiram:

O período que vai da metade do século XVII até os meados do século XVIII caracteriza-se, de modo especial, pelo auge da expansão territorial; as populações de índios, pretos e mestiços, que se comprimiam em regiões litorâneas, passam a expandir-se pelo sertão adentro. Nessas entradas, todos eles se entendiam, sem dúvida, num crioulo ou semicrioulo: falar de emergência, produto do primeiro ou primeiros estágios da aquisição tosca e imperfeita da língua portuguesa (português medieval tardio), que tinha características definidas, isto é, simplificação e redução da forma externa e interna da língua-base, e interferências de elementos do brasileiro (em relação aos índios), do quimbundo (escravos bantos) e do nagô ou iorubá (negros sudaneses) (ROBL, 1985, p. 163)

A socialização entre língua-alvo e escravos foi afetada com o deslocamento das lavouras do Nordeste para a região das minas. O ambiente das senzalas poderia, também, possuir suas próprias línguas francas – concorrendo com a língua portuguesa -, uma vez que “a região de onde se originavam os escravos trazidos para o Brasil [era] dividida entre dois grandes grupos: o grupo linguístico kwa [...] e o banto” (LUCCHESI, 2009, p. 64).

Lucchesi (2009, p. 69) diz que “a condição social do mestiço e a sua crescente representatividade demográfica lhe proporcionaram condições muito mais favoráveis à integração cultural e à ascensão social”, se comparada à situação dos negros nas minas de ouro, uma vez que os escravos domésticos e urbanos tinham maior acesso à língua-



alvo e eram incentivados a usa-la. Tal fato permitiria à língua dos mestiços permear a sociedade cuja fala oficial era o Português.

3.2. Contato dialetal no Paraguai

O Paraguai é, atualmente, um país bilíngue, com reconhecimento oficial de ambas as línguas, Espanhola (Castellano) e Guaraní, pela Constituição de 1992:

Paraguay es el único país latino americano donde se logró mantener una lengua indígena a pesar de 500 años de contacto con el castellano, lengua del colonizador, y esta lengua, el guaraní, no solo es hablada por la mayoría de la población, sino también reconocida como lengua oficial en todo su territorio, en condiciones iguales al castellano (HAUCK, 2014, p. 115)

Até o século XVIII, contudo, o Paraguai teria sido um país de "uma só língua", uma vez que o Guaraní era a principal língua de comunicação. Esse cenário mudaria a partir do século XIX, com a chegada de indivíduos procedentes da Europa. O prestígio da língua Espanhola cresceria junto à urbanização e isso tornaria o país, aos poucos, em uma nação bilíngue. O Guaraní atualmente falado no Paraguai difere da língua indígena anteriormente utilizada pela população, sendo conhecido como "Guaraní Crioulo" ou "Guaraní Paraguaio" (PALACIOS ALCÁINE, 2005). Esta situação de contato teria tido seu início por conta de um:

proyecto evangelizador [que] tuvo la necesidad de emplear la forma escrita de la lengua guaraní frente a las tareas de catequización de los indígenas, razón por la cual, los sacerdotes jesuitas hicieron de ella un idioma de uso cotidiano y se encargaron de sistematizarlo, por ese motivo, logró subsistir frente a la decisión de Carlos III, en el año 1770, de expulsar a la Compañía de Jesús e impedir el uso de las lenguas amerindias en los territorios de sus colonias. El castellano pasó a ser el idioma oficial y fue empleado en los espacios de



educación formal, en la administración pública y en la sinstituciones en general (FERNÁNDEZ, 2008, p. 45)

Os índios Guaranis "desenvolveram um respeito muito especial voltado à natureza, assim como compreender a necessidade da aplicação de medidas coerentes de uso do ambiente natural, principalmente quando a área onde vivem lhes permitem, considerando para tanto a dimensão total da área versus quantidade de ambientes preservados" (FILHO, 2015, p. 234). Ocupavam a região das florestas subtropicais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Na Argentina, encontravam-se na região de Misiones, bem como nas florestas tropicais de São Paulo, do Mato Grosso do Sul, do Paraguai e da Bolívia (FILHO, 2015).

As situações de contato dar-se-ão a partir do século XVI. "A região de domínio Guarani passa a ser objeto de disputa entre portugueses e espanhóis, [havendo] a extração de metais preciosos na América Andina pelos espanhóis e a produção açucareira pelos lusitanos" (FILHO, 2015, p. 236). Wolkmer (*apud* FILHO 2015, p. 237) aponta que a "encomenda" foi o principal artifício usado pelos colonizadores, consistindo na "outorga estatal para que um conquistador, proprietário de terra ou colono, pudesse dispor para si de um grupo de índios 'livres' que pagariam por proteção, assistência material e evangelização, tributos sob a forma de prestação de serviços".

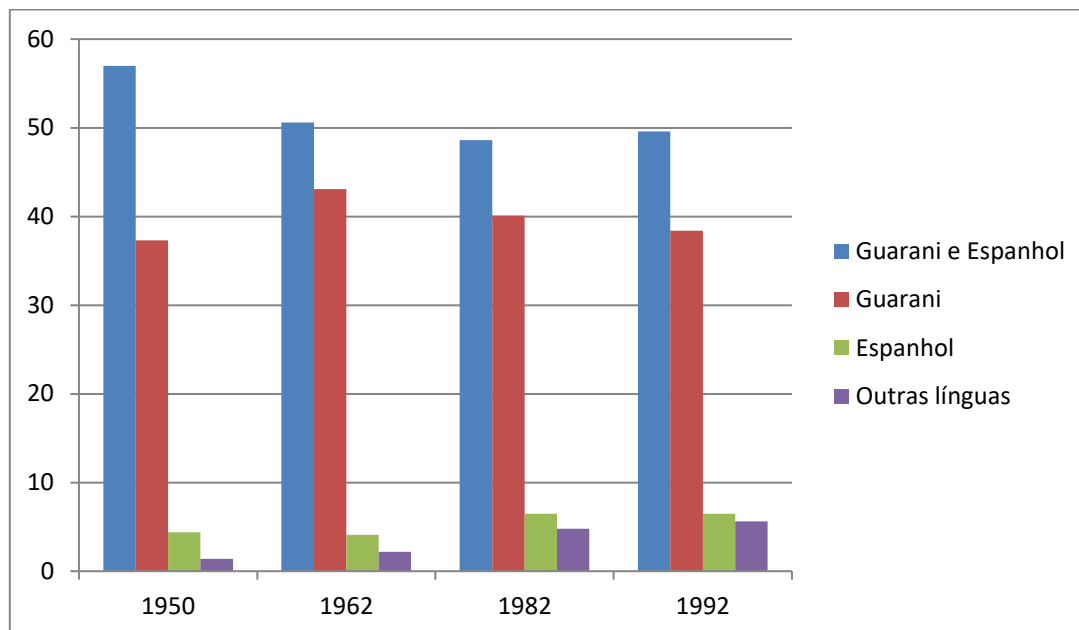
Em um primeiro momento, há o movimento extrativista nas terras Guaranis, que logo será substituído pela frente agrícola, em que o índio passa a ser visto como um "obstáculo", uma vez que detinham a posse de terras apropriadas para o cultivo do gado. O Guarani chega ao século XXI com "um total de 410 áreas indígenas legalmente constituídas nos três países fronteiriços. Desta forma, no território brasileiro somam-se 102 áreas indígenas Guarani, na Argentina são 49 áreas e no Paraguai, 259 áreas" (cf. FILHO, 2015 p. 241). O papel da língua Guarani foi de suma importância durante a história do Paraguai:



Embora o uso da língua guarani tenha sido fundamental na comunicação dos conspiradores contra a coroa espanhola no Paraguai durante o processo de independência de 1811, Pedro Vicente Cañete – assessor das primeiras formas de governo autônomo – proibiu o uso do guarani nas escolas. Porém, o ditador José Gaspar Rodríguez de Francia foi contrário à proibição e apostou no guarani como sinal de identidade. O Dr. Francia, principal ideólogo da revolução de independência do Paraguai, governou o país de 1814 a 1840, ano da sua morte. Durante esse período, o guarani teve a sua máxima expressão de normalização (VILLALVA FILHO, 2012, p. 02)

Outras duas situações, ainda para Villalva Filho (2012), em que a língua Guarani mostrou-se símbolo de identidade e união do povo Paraguaio foram a Guerra do Paraguai (1865) e a Guerra do Chaco (1920), mesma época em que poetas e escritores começavam a se expressar e publicar obras em Guarani. Na Constituição de 1967 o Guarani é declarado língua nacional e, na Constituição de 1992, no artigo 140, sua oficialização é determinada. A estrutura familiar paraguaia também poderia ter tido papel fundamental na preservação da língua Guarani, sendo as mulheres as protagonistas desta resistência, pois "os paraguaios tiveram mães guaranis e pais espanhóis. Os filhos aprendiam a língua da mãe no seu lar para mais tarde aprenderem a língua do colonizador nas escolas" (VILLALVA FILHO, 2012, p. 06). Pensando na população paraguaia, têm-se o seguinte cenário para as línguas ali faladas:

Gráfico 01: Falantes de Guarani e/ou Espanhol no Paraguai (em %)



Fonte: Adaptado de Palacios Alcaine (2005, p. 36)

Observa-se o Guarani e o Espanhol com número estável de falantes. Rubin (*apud* PALACIOS ALCÁINE, 2005, p. 37) aponta que, ainda hoje, o Espanhol seria visto como a língua dos assuntos do governo e de políticas públicas, enquanto o Guarani estaria ligado a assuntos de intimidade e questões de grupo. Zajícová (*apud* KLEE, 2009, p. 43) completa esta ideia mostrando que o Guarani estaria ligado a uma cultura rural dentro do Paraguai. As áreas rurais apresentariam mais falantes monolíngues de Guarani, enquanto as zonas urbanas apresentariam maiores índices de bilinguismo. Uma relação entre língua e poder é claramente observada no Paraguai.

Com situações de contato linguístico semelhantes, embora haja um quadro linguístico atual para seus falantes que possa ser considerado distinto, os processos de contato linguístico ocorridos no Brasil e no Paraguai encontram similaridades no que diz respeito ao contato com línguas indígenas.

3.3. O contato linguístico e a realização de /r/

O cenário de contato entre línguas no Brasil não contou apenas com a participação de índios, mas também de um grande número de escravos africanos. Talvez seja esta a principal diferença em termos de contato no que diz respeito ao que ocorreu no Paraguai e no Brasil. Com diferentes vértices de contato, a língua poderia ter certos processos de mudança internos a si “acelerados”:

Embora a perda do -r seja tendência insita no sistema românico, abalanco-me, contudo, a afirmar que essa deriva foi acelerada em nossa língua popular pela influência dos falantes de tupi e guarani, e principalmente pela ação aloglótica [em que se aprende uma língua diferente e necessária ao falante apenas de oitava] dos negros (ROBL, 1985, p. 166)

Tal fenômeno poderia ser observado, por exemplo, na língua Guarani. O Tupi e o Guarani difeririam, por exemplo, nas consoantes que poderiam ser realizadas em coda silábica – como comentado anteriormente. Para aquele, haveria a presença da fricativa /s/ nesta posição, enquanto para este haveria o fone aspirado /h/. Este "r" faringal seria o que mais facilmente se reduz a grau zero (ROBL, 1985); o mesmo que pode ser visto no Nhandewa, mas que permaneceu forte no restante do Guarani. Poder-se-ia falar, também, no que é observado atualmente nos róticos finais do Português Brasileiro, em que um processo de lenição poderia ser interno às línguas românicas, podendo levar ao apagamento do “r” final. Pensando na realização de /r/ em tempos de contato:

Os lusismos, com sua respectiva adaptação à fonética tupi, encontradiços nos vocabulários brasileiros das décadas entre 1680 e 1750, fazem-nos vislumbrar a situação lingüística das camadas populares daquela época. Eis algumas exemplificações, pinçadas do Dicionário português e brasileiro: kendara (quintal), papera (papel), sorara (soldado); do Dicionário brasileiro-português: confiara (cunhado), jandara (jantar), merendara (merendar), rimão (limão), tambora (tambor). Observe-se que o tupi original não tinha os

fonemas /d/, /f/, /l/, /r/ e /v/, que, quando da adoção de lusitanismos, em geral, passaram respectivamente para /r/, /p/, /r/, /r/ e /b/: sábado — sabará; camarada — camarara; fita — pitá; ferreiro — pererú; mulato — muratú; janela — janera; barriga — marika; cavalo — cabará; chave — xabí. Verifica-se, outrossim, o uso de suarabácti e metátese para desfazer os grupos e encontros consonânticos, inexistentes em tupi: almoçar — aramoçara, altar — altara, cruz — curuçá, torto — torotú, espeto — cepetú. Notam-se, ainda, frequentes diástoles: camixá (camisa), cabará (cabra), pucurú (púcaro), sapatú (sapato) (ROBL, 1985, p. 161)

Recorda-se que, ao Guarani Moderno, faltam a vibrante /r/ e a lateral /l/. Nesta língua, o tepe é realizado sem problemas em contextos intervocálicos, entretanto na posição inicial ou final de palavras (em que se pode observar diversos casos de lenição ou apagamento do "r" final), bem como em encontros consonantais, esta pronúncia pode ser um problema para os falantes cuja primeira língua é Guarani e que estejam se comunicando em Espanhol. Assim, diferentes realizações podem ser registradas para contextos de palavra “inéditos” envolvendo as líquidas (ESCOBAR, 2011, p. 362). Semelhante processo ao descrito acima por Robl (1985) poderia, então, ser encontrado em situações de contato com a língua Guarani. Estes mesmos fenômenos são vistos no chamado “dialeto caipira” atual do Brasil.

4. O “dialeto caipira” e a realização de /r/

As pesquisas sobre o dialeto caipira, de Amadeu Amaral (1920) - um dos pioneiros no registro deste dialeto -, contam com uma extensa descrição de diferentes processos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais das comunidades caipiras do interior do estado de São Paulo. No que diz respeito à realização do /r/ neste dialeto, Amaral (1920, p. 05) descreve seu processo articulatorio tendo a língua elevada aos "bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal" - descrição da realização



retroflexa de /r/. O som do “r” também é elidido em posição final de palavra neste dialeto.

É comum associar o rótulo do falante “caipira” à variável retroflexa. Análises de diferentes Atlas Linguísticos (Brandão, 2007; Ribeiro, 2011), contudo, apresentam registros da variável retroflexa se estendendo por regiões do Norte do Paraná, Sul de Minas, Goiás, e Mato Grosso, com presença marcante, também, no Mato Grosso do Sul (CASTRO, 2013). Enquanto em outras localidades, como o município de Lagoa Santa, em Minas Gerais, apresenta traços de que a variante retroflexa esteja perdendo espaço para outras formas variantes - no caso, a fricativa glotal (PAES, 2014). Não se deve entender que todas estas regiões possuam apenas ocorrências da variante retroflexa para a realização de /r/, principalmente pelo fato do posicionamento desta variável na sílaba apresentar diferentes variações em diferentes locais. Tomemos o apagamento de /r/ final em verbos, por exemplo, (CALLOU, LEITE & MORAES, 2003; OLIVEIRA, 1997) e poderemos observar que há uma tendência do falante do português brasileiro – no geral - em não pronuncia-lo.

A observação da realização de /r/ em outras posições que não finais em verbos do infinitivo facilita a visualização do fenômeno da variação. A retroflexão nesta posição silábica pode ser observada em regiões a que geralmente se associam outras formas variantes, como o caso de um crescente número de falantes utilizando-se da retroflexão na cidade de São Paulo (MENDES & OUSHIRO, 2013) e no caso de Campinas (LEITE, 2010), que, à primeira vista, parecia apresentar uma forma retroflexa menos marcada. Amadeu Amaral traçou comentários acerca de uma possível “extinção do dialeto caipira”, e conseqüentemente sua forma retroflexa, no futuro (CASTRO, 2006), todavia podemos observar que esta forma variante espalhou-se pelo território brasileiro.

Silva (2015), em seu estudo sobre o município de Itanhandu, localizado na divisa entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, mostrou que a realização de /r/ está ligada ao tempo de permanência dos indivíduos na cidade. Questões identitárias, de identificação maior com as capitais paulista e fluminense do

que a com a própria capital, mostram que a identidade dos moradores de Itanhandu é fator crítico no processo de variação linguística de /r/. Noll (*apud* RENNICKE 2001, p. 151) apresenta um mapa com as realizações de /r/ em posição de coda silábica conforme a região do falante no Brasil:



Figura 02: realização de /r/ em coda silábica no Brasil

Fonte: Noll (*apud* RENNICKE, 2011, p. 151)

Estes dados ajudam a situar como a realização de /r/ pode ser comumente observada pelo território brasileiro. Vale lembrar que isso não é uma regra. Em seu estudo sobre os falantes paulistas, Oushiro (2015) faz importantes observações:

Linguisticamente, a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [- alta], seguida de consoante [+ coronal], em palavras menos gramaticais, em sílabas tônicas e em final de palavra. Socialmente, a pronúncia retroflexa é favorecida por falantes e classes sociais mais baixas, residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias de migrantes do Norte e do Nordeste do país (OUSHIRO, 2015, p. 121)

Outro ponto observado é que há, também, favorecimento da variante retroflexa em contextos em que o (-r) é precedido por vogal [-alta], seguido de consoante [coronal] (MENDES e OUSHIRO, 2013). De fato, há condicionantes sociais que fortalecem a permanência da retroflexão nos dialetos mais interioranos.

Ferraz (2005), em seu estudo sobre falantes do município de Pato Branco, apontava uma semelhança entre as sequências "vogal + retroflexo" e "vogal + aproximante palatal" na realização de /r/ - com a hipótese de que vogais podem influenciar a realização de consoantes, e vice e versa. Sendo assim, foi observado por Ferraz (2005, p. 09) que "os dados registraram que existe um forte efeito de co-produção das vogais do Português Brasileiro sobre a realização tanto de retroflexo como da aproximante palatal". Estas conclusões reforçam um cenário mais propício à realização da retroflexão.

Ainda para Ferraz (cf. 2005, pp. 63 e 71) não há diferenças significativas na realização da retroflexão no meio ou final de palavra, enquanto a presença de vogais médias anteriores a /r/ apresentaram significação para a realização da aproximante. Em relação a vogais anteriores ou posteriores, Ferraz (2005, p. 84) afirma que há maior predominância de retroflexão ou aproximação quando /r/ é precedido de vogais anteriores - embora isso também ocorra, mas em menor número, quando /r/ é antecedido de vogais posteriores.

Voltando a Amadeu Amaral, também "ouve-se no linguajar caipira quarquê ao invés de qualquer" (ROBL, 1985, p. 168). Uma vez mais, o /r/ aparece como um dos agentes principais deste dialeto, neste caso em um exemplo de rotacismo. Entretanto, neste último exemplo, fala-se sobre duas consoantes líquidas, distintas apenas pelo traço

[+ lateral]. Como visto anteriormente, as línguas indígenas que sofreram contato com o Português e o Espanhol não possuíam em posição de coda silábica nenhum destes dois sons - aparecendo apenas em casos de empréstimos. Outro fator importante é a questão das vogais adjacentes a /r/, bem como algumas consoantes, facilitarem a articulação de uma forma variante mais ou menos retroflexa. Logo, para os falantes indígenas sem costume a este tipo de articulação, a pronúncia resultante poderia, de fato, destoar das pronúncias lusitana e espanhola.

Há de se fazer uma ressalva, como comentado por Leite (2010) e outros estudos sociolinguísticos, de que o rótulo “retroflexão” por vezes abarca diferentes variantes (como o /r/ retroflexo, a aproximante retroflexa, e a vogal colorida). Estas só poderiam ser diferenciadas com uma análise acústica da frequência de seus formantes, o que nem sempre é feito em estudos deste tipo. Assim, percebe-se um “grau de retroflexão” o suficiente para categorizar determinada realização como tal, mas vale lembrar que existe uma gradação dentro da própria retroflexão. Perguntas como “qual destas variantes seria a mais ou menos associada a um universo caipira?” poderiam ser levantadas, mas volta-se à questão de verificar a retroflexão em si, no Português Brasileiro e no Espanhol Paraguaio, como produto de contato entre línguas.

5. A(s) variante(s) retroflexa(s) como produto interno do sistema linguístico

Existe uma proximidade entre os fonemas /r/ e /l/ em termos de realização sonora, devido ao fato de ambos fazerem parte do pequeno grupo de consoantes que “são passíveis de ocorrência em posição final de sílaba interna e em posição final de palavra” (HEAD, 1987, p. 14). Para estes dois sons, cenários como final de sílaba interna ou final de palavra seriam propícios à velarização. A regra geral de alternância aqui seria: “a lateral não-palatal e a vibrante simples são velarizadas em posição final de sílaba, tanto interna como final de palavra” (HEAD, 1987, p. 16). Alguns processos de realização de /r/ em final de sílaba são registrados como vocalização (almoço, armoço, aimoço), o mesmo pode ser observado para o /l/ (alma, aima). Assim, pensando na



variação de /r/, três processos são observados por Head (cf. 1987, p. 20): vocalização, neutralização (troca de /l/ por /r/), e eliminação ou queda de /r/ (aqui comentado anteriormente).

Este processo seria visto como interno ao sistema linguístico, pensando-se apenas nas formas de articulação das líquidas. Podemos dizer, então, que o dispositivo desta variação existe dentro do sistema linguístico, precisando apenas de um “incentivo” (cenário) para que possa ser “ativado” e possa ocorrer. Voltando as situações de contato comentadas anteriormente:

No português do Brasil, o /l/, quando final absoluto, poderá ter três realizações: apócope, a mais geral, ou vocalização, ou passagem para o "r- caipira". Este último fenômeno é, a meu ver, a imperfeita substituição do /l/ velar pelo /r/, vibrante "fraco", permanecendo, contudo, um compromisso entre ambos. Sem dúvida, um caso de influxo da ação aloglótica de índios tupis e guaranis ("sem fé, nem lei, nem rei") e dos escravos bantos e sudaneses, cujas línguas nativas não possuíam o fonema / l / e tinham tão-somente um /r/ sonoro. Daí o sistemático rotacismo que se verifica no brasileiro; é só compulsar o "Dicionário português e brasileiro": janera (janela), kendara (quintal), varaia (balaio). Observa-se fato idêntico em dialetos crioulos: anel — anerú (Suriname), limão — rimá (português africano-costeiro). Daí, sobretudo, os rotacismos no falar caipira: animar (animal), sarva (salva), bem como na fala xacoca dos pretos: Fidere em vez de Fidélis (ROBL, 1985, p. 167)

Pensando-se, mais especificamente, no contato do Português com línguas africanas:

Em todos os idiomas melano-africanos (com exceção de alguns dialetos nilóticos), o /r/, que se alterna dentro da própria língua, corresponde às oclusivas dentais e ao /l/ [...] Há grande alternância entre / l / e / r / no grupo banto: rundi rira, "chorar", zulu lila. Em certos dialetos a pronúncia é tão variável que pode ser transcrita arbitrariamente por "R" ou "L" (ROBL, 1985, p. 166)

Trudgil (1986) aponta que formas intermediárias de determinados sons podem surgir quando há contato entre diferentes línguas e seus falantes, por uma razão ou outra, não conseguem assimilá-lo de maneira exata. A retroflexão de /r/ em coda silábica nos parece ser este caso, uma vez que estaria em uma etapa da gradação existente nas líquidas. Já o apagamento de /r/ final, possivelmente, seria fruto de um processo de lenição por que passam os róticos nas línguas românicas.

Há de se fazer menção à questão da "deriva linguística", como visto em Naro e Scherre (2007), em que se acredita que as línguas tenham uma predisposição natural (ou seja, interna a seu próprio sistema linguístico) a certas mudanças. Estas seriam alcançadas conforme o contato com determinados elementos extralinguísticos que serviriam de catalisador para certo caminho e ritmo de uma mudança na língua. Seria neste "encaixamento linguístico", como mostram Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]), que certas mudanças surgiriam na língua. O contato linguístico entre o Português e o Tupi, ou o Espanhol Paraguaiense e o Guaraní, poderia ser um dos elementos que daria uma guinada na Deriva Linguística destas línguas, ou em determinados dialetos. Ou, como dito por Robl (1985, p. 155), há "aceleramento brusco das tendências pré-existentes" na língua. Para o Português Brasileiro, tanto o contato com Tupis e escravos africanos favoreceu a variação e mudança na realização de /r/:

Em suma, no português popular do Brasil, devido à labilidade das "líquidas" e à grande dificuldade de os índios tupis e os escravos africanos articularem esses fonemas, o /l/ e o /r/ sofreram, em consonância com a deriva românica, um progressivo ensurdecimento, chegando até ao grau zero quando em posição pósvocálica final: artá (altar), cafezá (cafezal) (ROBL, 1985, p. 168)

A realização da assibilação da vibrante, observada em algumas áreas do Espanhol Paraguaiense, também pode se enquadrar neste mesmo processo de contato linguístico. Três casos podem ser levantados, então, para este contato linguístico: (i) a assibilação das vibrantes; (ii) a retroflexão do "r" simples em posição de coda silábica; e (iii) o apagamento de "r" final.



Considerações finais

Sumarizando o que aqui foi apresentado, devemos pensar em dois momentos desta pesquisa: o grau de contato entre línguas e as lacunas da língua de contato preenchidas pela deriva linguística (os processos internos da língua que poderiam ser acentuados graças a este contato). Ambas as línguas Portuguesa e Espanhola estiveram em constante contato com línguas indígenas durante o período de colonização do Brasil e do Paraguai. Embora estes dois processos tenham algumas características distintas, como a presença de dois grupos que serviram de escravos ao empreendimento colonial em terras brasileiras e o sistema de encomenda para o trabalho nas lavouras e minas paraguaias, houve contato linguístico. Nos dois casos, línguas gerais - que traziam uma junção daquelas em contato - eram utilizadas como língua franca, facilitando a comunicação. Reformas educacionais, criadas por conta da necessidade de se padronizar a educação com foco no mercado de trabalho e suas práticas, podem ser vistas como o acontecimento que fez com que as línguas gerais fossem abandonadas e que trouxe prestígio às chamadas “línguas oficiais”. Tal fato se deu no Brasil, enquanto, no Paraguai, o Guaraní resistiu, sendo hoje considerada língua oficial junto ao Espanhol.

Pensando nas mudanças linguísticas trazidas pelo contato, no que diz respeito não apenas à fonologia, mas também a outros níveis linguísticos, o contato linguístico foi o caminho pelo qual determinados braços da deriva linguística puderam se desenvolver. A existência de uma retroflexão no dialeto mexicano de Iucatã (COTTON e SHARP, 1988), por exemplo, advinda do contanto com tribos Maia mostra esta questão.

O que se observou foi que falantes do Tupi e do Guaraní apresentavam um padrão silábico cujas restrições, por advirem da mesma língua-mãe, eram similares, logo propícias ao mesmo tipo de fenômeno linguístico. Somam-se, a estes grupos, os diversos escravos africanos que foram trazidos ao Brasil. Para todos eles, as líquidas /r/ e /l/ não poderiam ocupar posição de coda silábica e, quando realizadas em outras posições –como em empréstimos lexicais que se tornavam comuns dentro de situações



comunicativas com os colonizadores – apresentavam variação. Por força do próprio sistema linguístico, essa variação entre as duas líquidas poderia ser considerada livre: era uma questão dos articuladores fonéticos não estarem acostumados àquela posição de palavra para aquele som. Isso registraria uma característica interna da língua, uma vez que tal fenômeno ocorreria em uma situação hipotética, uma posição de palavra inexistente em suas línguas maternas. A retroflexão poderia ser vista como o resultado deste “incentivo” a esta realização de /r/ em um novo tipo de situação comunicativa: uma língua geral, parecida, em termos, com a língua nativa destes falantes.

O contato entre línguas propiciou a estes grupos colonizados a oportunidade de realizar /r/, por exemplo, em uma posição de sílaba nunca antes cogitada por eles. O que era variação livre em posições de palavras comuns a eles tornou-se uma necessidade para que as palavras pudessem ser articuladas. Com esta lacuna lexical/silábica sendo preenchida da melhor forma que podiam, observou-se – conforme outros estudos aqui mencionados – que os falantes do Tupi, do Guarani e de línguas africanas tendiam ao mesmo processo: lenição de “r” final de palavra e uma pronúncia de “r” em posição de coda silábica com o corpo da língua mais elevado do que as realizações de róticos em suas próprias línguas, ou na de seus colonizadores. Tal processo, por vezes, foi registrado como variação entre /l/ e /r/, retroflexão e, no caso do /r/ vibrante do Espanhol Paraguaio, como uma variante assibilada – remetendo a uma aproximante retroflexa.

A retroflexão – em diferentes graus – e o apagamento de “r” final são vistos como algumas das características do chamado “dialeto caipira” do Brasil, comumente encontrado em regiões do interior dos estados. Este seria composto pelas mesmas regiões interioranas do país a que se deslocaram os ex-escravos indígenas e africanos e seus descendentes – muitas vezes mestiços frutos de casamentos entre colonizados e colonizadores. Destas regiões, povoadas por estes indivíduos, imagina-se que estas formas variantes tenham se irradiado e, atualmente, possam ser encontradas em diferentes partes do território brasileiro e em certas partes do Paraguai. Vale sempre lembrar que fatores socioeconômicos como prestígio e estigma social, bem como acesso



à educação formal, são apontados como variáveis sociais que podem refletir maior ou menor uso de determinadas variantes.

As evidências apontam para o contato linguístico entre grupos indígenas e europeus como favorecedor da deriva linguística inata às línguas românicas. O contato dos europeus com línguas que possuíam, em sua estrutura silábica, uma lacuna para a realização de róticos permitiu que, após a dispersão marginalizada de seus falantes para longe dos grandes centros urbanos, hoje formas como a retroflexão possam ser encontradas em grande escala pelo país. Por fim, como mencionado por outros estudos, seria preciso levantar mais dados de campo acerca das formas variantes róticas retroflexas, quando for o caso, no Espanhol Paraguaio a fim de se verificar por que se comenta, mas pouco se lê, sobre suas variantes róticas, como a assibilada.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B. M.; SÂNDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, Demerval; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. [1920]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7381>. Acesso em 30 de junho de 2015.

BRADLEY, T. G. A Typology of Rhotic Duration Contrast and Neutralization. In: **Proceeding of the North East Linguistic Society**, n. 31. The Pennsylvania State University, 2001.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -r retroflexo. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n.10/2, p. 265-283, dez. 2007.

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 465-493.

CAMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros**. 2006. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) –



Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CASTRO, V. S. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul. Estudos Linguísticos, São Paulo, 42 (1): p. 566-575, jan-abr 2013.

COLOMA, G. Caracterización fonética de las variedades regionales del español y propuesta de transcripción simplificada. **Revista de Filología Románica**, vol. 28, 11-27, 2011.

_____. **The importance of ten phonetic characteristics to define dialect areas in Spanish.** *Dialectologia* 9, 1-26, 2012.

COSTA, C. P. G. **NhandewaAyuw:** fonologia do Nhandewa-Guarani. Campinas: Curt Nimuendajú; Vitória da Conquista, BA : Edições Uesb, 2010.

COTTON, E. G.; SHARP, J. M. **Spanish in the Americas.** Georgetown University Press: Washington , 1988.

DOOLEY, R. A. **Léxico Guarani, Dialeto Mbyá:** com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisalinguística. Associação Linguística Internacional, 2013,

ESCOBAR, A. M. Spanish in Contact with Guaraní. In: DIAZ-CAMPOS, M. **The Handbook of Hispanic Sociolinguistics.** Blackwell: Chichester, 2011. p. 353-374.

FERNÁNDEZ, K. L. Lenguas en contacto: el caso guaraní / español en la República Argentina. **Revista de Lenguas para Fines Específicos**, nº 13 y 14, 2008.

FERRAZ, I. S. **Características Fonético-Acústicas Do /R/ Retroflexo Do Português Brasileiro:** Dados De Informantes De Pato Branco (PR). Dissertação Mestrado. Programa de pós-graduação em linguística, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

FILHO, A. P. O direito indígena dos Guarani na área da Tríplice Fronteira: Brasil-Paraguai-Argentina. In: **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, 16: 228-257 vol.3, 2015.

FRAGA, L. O português falado por descendentes de holandeses em Carambeí (PR) e os róticos em coda. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.11, n.2, p. 349-376, jul./dez. 2008.

HAUCK, J. D. **La construcción del lenguaje en Paraguay: fonologías, ortografías e ideologías en un país multilingüe.** Boletín de Filología, Tomo XLIX. Número 2, 2014: 113-137.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do "R Caipira". **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil.** (27 ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KLEE, C. A. Migrations and globalization. In: LACORTE, M.; LEEMAN, J. **Español en Estados Unidos y otros contextos de contacto:** sociolingüística, ideologia y pedagogía. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2009.



LABOV, W (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LEITE, C. M. B.. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010. Tese de Doutorado.

LINDAU, M. The story of /r/. **Working Papers in Phonetics**. Department of Linguistics, UCLA. 51: 114-119, 1980.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In LUCCHESI, D, BAXTER, A. e RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.
MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

MONTOYA, A. R. **Arte de la Lengua Guarani**. (2a ed. - 1724). Disponível em: <http://celia.cnrs.fr/FichExt/Paleographies/Guarani/Textes/0000_Tout.pdf>. Acesso em 20 nov. 2016.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NAVARRO, E. A. **Método Moderno De Tupi Antigo: A Língua Do Brasil Dos Primeiros Séculos**. São Paulo: Global Editora, 2006.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, departamento de linguística. Programa de pós-graduação em semiótica e linguística geral. 2015.

PAES, M. H. S. **A Variável (R) Em Coda Silábica Medial No Bairro Várzea, Em Lagoa Santa-Mg**. Dissertação Mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2014.

PALACIOS ALCÁINE, A. Variedades del español hablado en América: una aproximación educativa, en E. de Miguel (ed), **Las lenguas españolas: un enfoque filológico**. Madrid: MEC, 2006, p. 175-196.

_____. **Lenguas em contacto em Paraguay: español y guaraní**. En: FERRERO PINO, Carmen. y LASSO – VON LAN. **Variedades lingüísticas y lenguas en contacto en el mundo de habla hispana**. (1ª ed.) Bloomington: Books Library, 2005, p. 35-43.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n.38, p. 70-97, 1º sem. 2016.

_____. Terminology issues in Spanish and Portuguese phonetics and phonology: vibrantes or rhotics? In: CORREIA, C. N. et al. **From Language to Discourse: Selected Papers of VII Linguistic Sharing Forum**. Cambridge Scholars: Newcastle, 2014.



_____. The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais. In: **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto** - Nº 1 - Vol. 6 - 2011 - 149 - 170.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, C. M. R. O comportamento geolinguístico do (r) posvocálico nos atlas brasileiros publicados. Letras Escreve – **Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras** - UNIFAP. Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a Junho de 2011.

ROBL, A. **Influência tupi no português popular do Brasil**. Letras, Curitiba (34) 155-179, 1985.

RODRIGUES, A. D. Diferença entre o Tupi e o Guaraní. **Arquivos do iv Iuseu Paranaense**. IV - abril, 1945.

SANCHES, V. Sotaque vem do nheengatu, a língua brasileira. In: **Estado de São Paulo**, 21 de abril de 2008. Disponível em: <<https://brasiliano.wordpress.com/2009/07/21/sotaque-vem-do-nheengatu/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

SCHWANBORN, I. **O Guaraní era um Tupi?** Fortaleza: UFC/Casa de José Alencar, 1998.

SCHWEGLER, A.; KEMPF, J.; AMEAL-GUERRA, A. **Fonética y Fonología Españolas**. (4 ed.). Nova York: John Wiley & Sons, 2010.

SGARIONI, M. **Fala aí, meu camarada!** De Machado de Assis a Mussum, de Norte a Sul, a língua portuguesa segue viva e mutante. Disponível em: <<http://albita-cultural.org.br/secoes/fala-ai-meu-camarada/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SILVA, M. E. B. **Entre duas metrópoles: (-R) em Itanhandu**. Dissertação Mestrado. Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

TRUDGIL, P. **Dialects in contact**. New York: Basil Blackwell, 1986.

VILLALVA FILHO, M. R. Sobrevivência da Língua Guaraní no Paraguai e na América do Sul: O despertar da Militância Cultural. Revista: **Arte e Cultura da América Latina** / Sociedade Científica de Estudos da Arte, v. XXVI, p. 31-42, 2012

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "**Empirical Foundations for Theory of Language Change**". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) Directions for Historical Linguistics. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

Recebido Para Publicação em 28 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 17 de maio de 2017.